



Thiago Florencio > **Nativo ausente e escrita-despacho**

Resumo

Escrita experimental de um etnógrafo cujo movimento pelas ruas lê/toca a ferida colonial com os pés, implicando o corpo na escrita crítica e abrindo espaço para novas imaginações do materialismo histórico.

Palavras-chave: Escrita. Corpo. Colonialismo.

Abstract

This experimental piece of writing, by an ethnographer whose movements throughout the streets touch/write colonial wounds, reinstates the body in critical writing and opens new space for reimagining historical materialism.

Keywords: Writing. Body. Colonialism.

Crato, março de 2018 // Porto Seguro, abril de 2000

Lanço aqui dois fragmentos de minha escrita-despacho. Não faz sentido explicar o que é. Deixo que a leitura te faça chegar, não a um entendimento da coisa, mas a um lugar de ressonância. Para isso, é importante narrar o processo pelo qual cheguei a esse procedimento da escrita-despacho.

Comecei a tateá-lo num dia sintomático: 23 de abril de 2000. Dia seguinte às comemorações oficiais de meio milênio do *descobrimento* do Brasil, na cidade de Porto Seguro. Meu amigo teve um surto psicótico durante as ações altamente violentas da polícia contra manifestantes que marchavam para protestar no local das celebrações oficiais de comemoração dos 500 anos do Brasil. Ele me ligou de um orelhão, sua fala alucinada não deixou dúvidas, ele estava em surto e precisava que alguém fosse buscá-lo.

Entrei num avião em que os passageiros eram, em sua maioria, bispos e padres convidados para rezar a missa em comemoração aos 500 anos do Brasil. Depois de rodar por diversos pontos da cidade, eu o encontrei detido na delegacia. No caminho da delegacia até a pousada, enquanto falava sem parar, começou a catar fragmentos do chão: guimbas de cigarro, papéis de bala, folhas, pedras, pedaços e restos de tudo que é coisa.

Na chegada à pousada, espalhou sobre a mesa a coleção recém-adquirida de quinquilharias e começou a inventar novos mundos singulares. Eu tentava entrever frestas de significados nesse jogo de coisas, aprender a poética da reconstrução daquilo que resta depois que a bomba estoura, depois que o sujeito se estilhaça, que o mundo se despedaça e as feridas estão todas abertas.

As feridas são as mais sutis, disse Nietzsche. As feridas coloniais são as mais sutis, diria Gloria Anzaldua, para quem a fronteira México/EUA é uma ferida aberta em que o terceiro mundo atrita contra o primeiro e sangra. Feridas coloniais: **são marcas físicas, mas principalmente** psíquicas.

A cruz estancada da primeira missa é uma ferida colonial. Fincou-se materialmente sobre a terra e virtualmente nos corpos e nas cabeças. Ela estampa o peito do bispo que sentara ao meu lado no voo para Porto Seguro. Ele e toda a comitiva da primeira missa do Brasil ano 2000. A cruz atrita ainda hoje numa infundável produção de doenças: a invenção da culpa sobre um povo, sobre um corpo, uma pele, uma fala, um jeito de ser. Inventar a culpa é a estratégia colonial de adoecer os corpos. Culpa de ser índio. Culpa de ser preto. Culpa de andar nu. Culpa de...

A ferida sutil é uma infiltração lenta e efetiva que escorre e se espalha até gangrenar tecidos, membranas e afetos. Como disse Fanon, a colonização é principalmente de ordem psíquica. O surto é a vontade de potência libertadora: *quando o corpo não aguenta mais*.

Catar pedaços de coisa que irrompem sobre o chão da rua para se refazer *corpo como espelho de forças*. Diante das feridas, libertar-se pela loucura que a razão colonial impôs.

Eu observava o amigo fazendo daqueles pedaços esparsos de matéria largada a própria coisa que liberta o corpo e a mente. *Pela ressurreição dos corpos na colônia do Pau-Brasil*.

Partiu desse acontecimento do surto-colheita-de-coisas a necessidade de tecer outras presenças de corpo: assemblar efêmeros nas tessituras de coisas que irrompem casualmente por encontros fortuitos. Repensar a possibilidade de acionar presença de corpo no território, novas formas de se escrever por encontros aleatórios no passo a passo de cada miudeza: o atrito do pé no chão, reinventando as feridas sutis.

Como operação de cura, mesmo sabendo que a cura não existe. O que existe é o movimento: *pro-curar* encontros que nunca serão previstos por qualquer tipo de consciência; *pro-curar* uma saúde do acaso: não médica; *pro-curar* uma salvação do acaso: não teológica. Não querer apagar as feridas, mas se alimentar delas: reinventá-las, lambê-las como os cães de São Lázaro.

A escrita-despacho parte desse acontecimento de recolher coisas efêmeras e despachá-las num ponto de ferida colonial. Escrever por esse movimento dos pés-com-as-coisas. Uma escrita que fica nesse lugar entre o caderno de viagem, a etnografia, a caminhada, a performance e a jornada espiritual.

Nesses escritos me coloco na terceira pessoa. Sou o NATIVO AUSENTE.

Lisboa, Portugal, agosto de 2013

O nativo ausente atravessa o murmúrio das vielas. Cheiro de laidinha. Da Praça de São Cristóvão desce até a Mouraria, antigo bairro mouro, e cruza uma esquina em que se aglomera um grupo de vendedores de drogas. Nessa esquina se vê repentinamente diante do primeiro Colégio dos Jesuítas, onde viveram diversos missionários que se emaranharam sertão adentro, por Américas, Áfricas e Ásias, no exercício global de conversão e de assalto gramatical. Foram os jesuítas, pela conversão espiritual, os grandes articuladores da colonização mental nos trópicos.

Passa pela Praça de São Domingos. Topa com um grupo de guineanos prostrados. O início do ramadã e as desilusões da imigração e do desemprego estampados no cansaço físico. Estão escorados num monumento, à sombra de uma árvore. O monumento é uma homenagem à memória de judeus queimados no século XVI, dentro do ardente espírito inquisidor. Se por um lado há presença da memória judia através do monumento, por outro há invisibilização permanente da memória negro-africana, ainda que estes estejam aí, de corpos presentes, escorados no pilar da memória judaica. O nativo ausente compra dois obis de um guineano. Esses frutos de jogos divinatórios.

Segue a meditação pelos pés: caminha pela Rua dos Mouros. Vê uma geladeira velha largada sobre a calçada. Abre a porta: dentro dela um recipiente repleto de ovos quebrados e, obviamente, ressecados de podre. Toma para si esses ovos, com todo o cuidado que exigem. Como não traçar analogias? Ovos podres dentro

de uma geladeira largada na rua dos mouros... Em seguida, circula por uma feira de antiguidades e quinquilharias à altura do Largo do Ladra. Depara-se com um bolo de cartas antigas, escritas a partir dos anos cinquenta. São cartas trocadas por um casal, João Domingos, caixeiro viajante, e Isabelinha, seu grande amor que ficou na aldeia. O nativo ausente seleciona as cartas trocadas pelo casal no mês de agosto, mês em que ele está em Lisboa.

Escolhe o Colégio dos Jesuítas como ponto de ferida colonial. Foi ali que se articularam as estratégias de conquista espiritual dos brasis. As operações de conversão eram discutidas através da troca sistemática de cartas. A conversão e o controle do imaginário atuando em conjunção à violência dos conquistadores e ao aparato burocrático dos administradores do Estado.

Para fazer frente ao aparato burocrático, o nativo ausente escolhe meditar pelos pés. Como propôs Hélio Oiticica em seu *delirium ambulatorium*: um programa de emancipação do corpo na cidade pelo estado de delírio, operado a partir da livre errância, do vagar, abrindo-se ao que estiver nas ruas para a invenção de singularidades. Ele pensava este programa como uma “meditação conduzida pelos pés”.

Meditar pelos pés: experimentar corpos como prática do acaso. Escrever pelos encontros fortuitos dos corpos. E desses encontros em que as matérias são coletadas, criar ajuntamentos para serem despachados em pontos de ferida colonial. Aí está o procedimento do nativo ausente. Sua prática. Do exercício de despachos é que se escreve. Assumir a escrita como despacho.

O despacho aqui proposto não deve ser pensado como prática litúrgica das religiões de matriz africana, cujos conhecimentos milenares de ingredientes específicos são usados caso a caso para equilíbrio energético, mas como princípio ativo de operar pela imanência do terreno áspero e pela multiplicação de perspectivas singularizantes das materialidades, através das quais as coisas falam. Assumir o despacho como operador conceitual, poético, político.

Despacho. Do francês *dépêcher*, antônimo de *empêcher*, a palavra *despacho* tem origem no latim *impedicare* cujo radical é *pedis*, pé. Ou seja, *dépêcher* tem o sentido de “dar pé”, apressar, agilizar em oposição a *empêcher*, impedir, enterrar, não dar pé. O termo *despachar* foi incorporado ao português no século XV tendo o sentido de “deferir ou indeferir um documento, resolver, incumbir de qualquer serviço ou missão”, segundo o dicionário etimológico de Antonio Geraldo da Cunha. Ou seja, *despachar* foi introduzido na língua portuguesa justamente no momento de formação do Estado Nacional e de sua expansão por colônias ultramarinas. Não dá pra pensar o funcionamento da burocracia sem sua capacidade de armazenamento e propagação de um sistema de signos separado do corpo humano.

A burocracia é um aparato que preenche a ausência física do Rei com a presença de seu poder. Por isso, não seria exagero pensar que o termo *despachar*, tendo o sentido burocrático de agilizar as demandas de presença do poder do Estado para além de seu corpo, surja justamente no século XV. Foi nesse momento que o Estado português se consolidou para além de suas fronteiras num projeto expansionista que virá a constituir

o que uns chamam de Modernidade. O nativo ausente prefere pensar como Colonialidade.

Curiosamente, se por um lado o termo “despachar” entrou na língua portuguesa através das práticas burocráticas que acompanharam as fundações do Estado-Nação, por outro, ele foi deslocado para um sentido mágico-religioso do qual adeptos do candomblé e da umbanda passaram a valer-se posteriormente, principalmente a partir de meados do século XIX. A coincidência entre categorias do discurso jurídico-burocrático e do discurso da crença, em que despachar pode ter tanto o sentido de fazer o processo caminhar, quanto de permitir a abertura de caminhos para Exu nas encruzilhadas, intensifica-se quando a repressão às crenças mediúnicas pelo Estado torna-se mais sistemática, isto é, após a abolição da escravidão, quando o Estado cria novos mecanismos de poder e controle sobre uma população agora liberta.

O poder do despacho enquanto feitiço opera justamente na direção contrária à do despacho enquanto burocracia: inscrever-se corporalmente no ritmo da imprevisibilidade cósmica, ou seja, na linha de repetição de singularidades cujos movimentos são capazes de tornar presentes coisas que estão ausentes e ausentes coisas que estão presentes. Já o despacho burocrático quer fazer valer a autoria de um corpo ausente (o corpo do Rei, o corpo do Estado) sobre o mundo das coisas, através da dominação dos territórios por meio de dispositivos de poder que garantam sua onipresença incorpórea.

Lembrar que o termo *feitiço* foi utilizado primeiro por portugueses na costa da África Ocidental no mesmo século em que o termo *despachar* entrou para a língua portuguesa: o século XV, época áurea das expansões marítimas lusas. A acusação feita pelos portugueses aos amuletos fabricados pelos africanos foi referida a partir do adjetivo *feitiço*, que se desdobrou séculos depois em *fetiche*. Os portugueses condenavam os feitiços dos negros por serem “feitos” por mãos humanas e, por isso, destituídos de real presença divina. Determina-se uma divisão entre a fabricação humana e o encantamento divino que termina por situar os africanos na condição ambivalente de ingênuos ou cínicos. Ingênuos por acreditarem que um objeto feito pode ser um objeto encantado. Cínicos por quererem fazer crer que eles são dotados de uma força divina capaz de encantar objetos. Tal lógica determina a cisão entre o objeto encantado de um lado e o objeto-feito de outro. A utilização desse duplo operador permite uma crítica astuta dos ocidentais referente aos supostos fetiches dos negros.

Uma cabaça. O nativo ausente encontrou uma cabaça na feira do Largo da Ladra. Essa semente que se transmuta em maraca nas mãos de xamãs tupis é um acelerador de partículas que aciona as vibrações e ressonâncias dos corpos com seus invisíveis. Faz falar um terceiro elemento, aquele invisível que é acionado pela matéria em movimento. A cabaça, de onde o xamã recebe as belas palavras, não tem forma fixa; cresce de acordo com o movimento da semente. É um instrumento de falas que estabelece, pelo ritmo do pé no chão, a comunicação com os espíritos. Os jesuítas condenaram as cabaças, vistas como meros feitiços fabricados pelos xamãs (tratados como “feiticeiros”) para ludibriar os índios. O nativo ausente opera no despacho enquanto feitiço.

No despacho que dá pé pela meditação. Despacha a cabaça junto aos ovos, as cartas e os obis: de frente ao primeiro Colégio dos Jesuítas, na mouraria lisboeta.



Fig. 01 e 02:
Colégio dos Jesuítas
em Lisboa, 2013.
Foto: Thiago Florencio.

Rodoviária do Plano Piloto, Distrito Federal - Maio de 2016

Entre um passo e outro, quando um pé alcança o vácuo atmosférico enquanto outro pisa o áspero terreno, é nesse intervalo que o nativo ausente sente um formigamento. O que formiga é a panturrilha, músculo tão apreciado pelos antigos povos Tupis em seus rituais antropofágicos, pois aí residiria, segundo eles, a força do caminhar. A panturrilha é o pedaço premiado, reservado ao guerreiro que capturou e abateu o inimigo a ser devorado. Da panturrilha vem a força das largas passadas. Empanturrar-se. É pela barriga da perna que o nativo ausente deseja devorar o áspero terreno. Os passos são o alfabeto de sua escrita. Passos como inscrições que ingerem o chão. Em palimpsesto. Enquanto um pé inscreve a pegada, outro a devora.

Atravessa a terra-cerrado. Antes pastos largos de gados poucos e hoje essa nave-avião que esbanja arquiteturas de concreto armado: esplanadas, ministérios, palácios, catedral. Enquanto panturrilha, o eixo monumental, atravessado pela velocidade dos carros, vislumbra a vastidão do planalto central. Brasília.



Fig. 03:
Marco Zero de Brasília,
1957. Foto: Mário
Fontenelle.

Capital federal. Foi onde o nativo ausente cresceu. Espichou-se de corpo, sonhos e tormentos. Nesse plano piloto, sertão futurista. Ele procura a encruzilhada dos eixos. A grande encruzilhada da moderna utopia nacional. Aquela por onde se iniciou a construção da cidade, seus primeiros rabiscos. Aquela anunciada desde 1823 pelo patriarca da independência do Brasil, José Bonifácio, ao propor a transferência da capital para Goiás, sugerindo o nome de Brasília. Anúnciação resgatada por Lucio Costa em seu plano diretor da capital: *gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz*. O centro dessa cruz, tracejada no papel e depois inscrita por tratores em terra áspera, é agora onde está o nativo ausente. Rodoviária do Planalto Central. Por onde transitou seu amorfo corpo adolescente. Cruzando as gentes vindas de tantas direções do vasto Brasil e habitando as longínquas cidades-satélites. Recorda, então, que a foto de sua primeira carteira de identidade foi tirada bem ali, num lambe-lambe. Início dos anos noventa. 1992 para ser mais preciso. Tinha então sede de tempo nos olhos, aos quatorze anos, mal tinha rosto e vislumbrava um semblante emergindo do papel fotográfico, pouco a pouco, daquela que seria a foto de sua primeira carteira de identidade. E qual seria a identidade de um nativo ausente?

O cruzamento dos eixos. Marco zero de Brasília. Olha para o lado. Surpreende-se ao ver que exatamente no mesmo local do antigo lambe-lambe ainda existe uma cabine de fotografia 3x4, agora de fotos digitais. Recorda o rosto do senhor do lambe-lambe. Dobras de pele na testa e no canto dos olhos, pele cabocla rachada de sol. Um hiato orbita ao redor de seu corpo-cratera. À medida que vai recordando o rosto do fotógrafo, aos poucos, como num processo químico invertido ao da revelação do papel fotográfico, seu rosto adolescente se esvai, esfumando-se na efêmera cadeia imagética do pensamento, essa à qual damos o nome de memória. Quanto mais se aproxima da cabine fotográfica, mais sente orbitar seu corpo-satélite, em meio a lembranças fugidias de um adolescente sem rosto. Uma senhora com microfone prega o Evangelho e canta: *Jesus é o caminho, a verdade e a vida*. Ela entrega um panfleto: *Jesus faz por você o que ninguém mais pode fazer...* Segue o nativo ausente e mais adiante encontra sobre o chão outro panfleto: *Carreira militar. Dê um passo para o futuro*. O canto ecoa *Jesus é o caminho*, quando relembra a cantiga de infância, *Marcha soldado, cabeça de papel, se não marchar direito, vai preso no quartel*. As duas melodias balbúrdiam em sua mente enquanto segue o formigamento da panturrilha, a lembrança das tantas vezes em que foi levado a crer, a ter que crer que o

sucesso de sua vida estaria nesses golpes de abstração: a Igreja, o Soldado, a Nação.

Mas ainda tem os pés, as panturrilhas. O formigamento da presença. O nativo ausente procura por algo no chão desse cruzamento de eixos. Não sabe o quê. Algum sinal. Acreditar nos sinais. Já tem dois panfletos em sua mão esquerda. Enquanto caminha em círculos, lembra Clarice Lispector. *Brasília é artificial. Tão artificial como deveria ter sido o mundo quando foi criado.* E tal qual essa cidade, tal qual todas as cidades, tal qual este corpo, esta pessoa a caminhar, os panfletos que segura, tal qual a órbita, as formigas, os formigamentos de panturrilha e os satélites, o que não é artificial?

Atravessa a longa fila dos ônibus bufantes. Encontra sobre a mureta que protege os transeuntes do mergulho do Eixão uma planta que brota de dentro do concreto. O nativo ausente desenraiza a planta. Ao arrancá-la de seu lugar, um cheiro de terra úmida se desprende do concreto. Ele exala esse resquício de enraizamento e olha para baixo, os carros ventam na velocidade do mergulho do Eixão. Olha para baixo e pensa no pulo, no salto para a ventania motora do fluxo incessante. *Je suis se dar.* Sempre pensa em suicídio quando observa, com o corpo encostado na mureta, os carros passando velozmente lá embaixo. *Sonhos se suicidam fácil, pra quem não quer pular.* Pensa novamente. A planta em sua mão direita. Os panfletos em sua mão esquerda. O dia entardece. Pensa novamente: seria essa a planta capaz de me dar chão? De me dar eixo? Ensaia-se num novo lugar. Ensaia-se na planta desenraizada, o nativo ausente. Na planta que brotou de dentro dos milhões de metros cúbicos de concreto e das toneladas de ferro redondo que construíram a capital. Da planta que brotou das intensidades do entroncamento do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário. O centro da nave Brasília. Em sua artificialidade do fazer vida. Avista uma marmita recém-abandonada por um transeunte, desses transeuntes que melhor sabem cartografar as ruas da cidade, os chamados mendigos. Próximo à marmita, um papel verde-amarelo rasgado. E um pouco mais adiante, dois pedacinhos de um emborrachado escritos *refil*. Por coincidência, também verde-amarelos.

A música de Jesus já se distanciou. Agora, após ver a palavra *refil* solta no chão, outro canto ressoa. *Deus refaz, eu refil.* O mendigo que largou a marmita, o grande guru do *refil*. *Deus refaz, eu refil.* O mendigo, mestre das intensidades das ruas, há de ensinar as picadas dessas cidades inventadas. O entardecer de Brasília. Sempre brilha na contemplação.

Hoje estão votando o *impeachment* de Dilma Rousseff. O ar está denso. Uma fileira de policiais cerca a Rodoviária. *Marcha soldado.* Há 24 anos, nessa mesma esplanada, o adolescente nativo ausente assistia ao impeachment de Fernando Collor. *Cabeça de papel.* Ele estava ali, de frente para o Congresso Nacional. Naquela ocasião, o povo se unia em volta do congresso, não havia muro. *Se não marchar direito.* Ao som dos votos de "sim", a multidão delirava. Um moço segurava uma vela. *Vai preso no quartel.* Quando foi finalmente impugnado o falso caçador de marajás, a vela já estava quase toda derretida sobre a mão do moço, e ele chorava como uma criança, de alegria, de emoção, de esperança, aos brados de *Glória, Glória, Aleluia, Glória, Glória, Aleluia!*

O impeachment agora é outro. A esplanada está dividida por um muro. Um muro vigiado por policiais. De cada lado, à espera pelos bárbaros. Eles estão chegando? Vão chegar? Não chegaram? E agora, o que será de nós sem os bárbaros? O muro murmura verdades inadiáveis.

O céu já escureceu. Em gesto de oferenda, ele deposita sobre a marmitta ainda com restos de comida (arroz e um pedaço de bife) a planta desenraizada, os dois *refils*. Um papel verde-amarelo rasgado. Os panfletos. Um pedaço de espelho quebrado. Uma caixa de ovos. Não é mais uma cruz tracejada sobre o papel por Lucio Costa o que agora pisa. Não é mais uma cruz desenhada por tratores sobre o terreno cerrado que agora pisa. Nem mesmo um cruzamento de viadutos e mergulhões. Menos ainda o marco zero da capital federal. O que pisa agora o nativo ausente é a própria encruzilhada. Aquela que faz tracejar invisíveis. Aquela em que Exu ganha corpo e faz enxergar os desenhos que não são vistos com os olhos acostumados aos golpes de abstração, aos golpes dos universais incorpóreos. Aquela que brinca com as diferenças. Brasília perde a alegria de seus mapas. O formigar de presença: ganha cerrado e entronquece. O nativo ausente passa a desconfiar definitivamente dos caminhos retos.

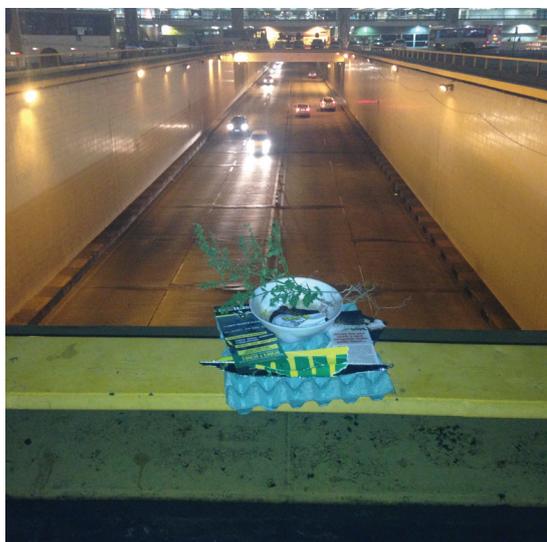


Fig. 04 e 05:
Rodoviária do Planalto
Central em Brasília,
2013. Foto: Thiago
Florencio.

Interlocutores

- ARTAUD, Antonin. **A Perda de Si**: cartas de Antonin Artaud. Organização do texto: Ana Kiffer. Tradução: Ana Kiffer & Mariana Patricio. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada**: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS – Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ANZALDUA, G. **Borderlands/La Frontera**. The new mestiza. San Francisco: La Frontera, 1987.
- ASSUMPTÃO, Anelis. Deuso Deusa. **Anelis Assumpção e os amigos imaginários**. São Paulo, Scubidu/Label A, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- DEBORD, G. Teoria da deriva. **Internationale Situationiste**, n. 2, dez. 1958. Disponível em: <http://debordiana.chez.com/francais/is2.htm#theorie>.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOSTER, H. The Artist as Ethnographer. **The Return of the Real**. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- GIL, José. O corpo-espelho- de-forças e o acaso. In: FERRAZ, Maria Cristina Franco e BARON, Lia. (orgs.). **Potências e práticas do acaso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2010.
- HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KAVÁFIS, Konstantinos. À espera dos bárbaros. **Modo de usar & co**. Revista de poesia e outras textualidades conscientes. Tradução de Jorge de Sena. Disponível em: <http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2014/04/homenagem-konstantinos-kavafis-1863-1933.html>. Acessado em 10/02/2018.
- LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In: LINSÁ, D.; GADELHA, S. (org.) **O que pode o corpo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fortaleza, Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.
- LATOUR, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MAGGIE, Y. **Medo do feitiço**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.
- MARCUS, G. E. Ethnography in/of the World System: The emergence of multi-sited ethnography (1995). In: MARCUS, G. E. **Ethnography through thick and thin**. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- MBEMBE, A. **Sortir de la grande nuit**. Essai sur l’Afrique décolonisée. Paris: La Découverte, 2010.
- MIGNOLO, W. **Histórias locais: Projetos globais** – colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Azougue, 2008.